

## Resenha sobre o ensaio “Elas eram muito modernas”, de Maria Eleutério

ELEUTÉRIO, Maria Lourdes. Elas eram muito modernas. In: ANDRADE, Gênese (Org.). *Modernismo 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 244-269.

Monaliza Barbosa Araújo\*

Decorridos cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922, marco pioneiro do modernismo no Brasil, é preciso refletir sobre as reverberações desse acontecimento singular na nossa cultura. Esse evento foi preparado por um grupo de intelectuais pertencentes à elite paulista de sua época. Apesar da festividade de 22 ser considerada nossa primeira manifestação de grande repercussão modernista, há diversas lacunas no que concerne à ausência de representatividade dentro da própria celebração, o que reflete no século XXI.

Nesse contexto, o livro *Modernismos 1922-2022* (2022) reuniu ensaios de diversos estudiosos com o objetivo de provocar reflexões sobre a Semana de 22 e seus desdobramentos ao longo desses cem anos. Contudo, será resenhado especificamente o décimo ensaio, denominado “Elas eram muito modernas” (2022), escrito pela pesquisadora Maria Eleutério que questiona a ausência das escritoras no chamado período heroico do modernismo.

Como ponto de partida, a autora faz um levantamento de obras publicadas por mulheres, entre romances, contos e poesias, e encontra títulos provocantes que rompem com o conservadorismo e o higienismo da sociedade do século XX: *Flores Modernas* (1921), *Enervadas* (1922) e *Gritos femininos* (1922), de Madame Chrysanthème; *Mulher nua* (1922), de Gilka Machado; *Almas em desordem* (1924), de Madame Chrysanthème; *Virgindade anti-higiênica* (1924) e *Virgindade inútil: memórias de uma revoltada* (1927), de Ercília Nogueira; e *Meu glorioso pecado* (1928), da já mencionada Gilka Machado.

A pesquisadora ressalta que os títulos publicados entre 1920 e 1929 não compactuavam com as características estéticas de liberdade formal e interesses por outras formas de execução literária tão presentes no movimento modernista. Nesse sentido, Constância Lima Duarte (2011, p. 45) afirma que as escritoras “estavam distantes do projeto modernista tal como ele foi elaborado, e o quanto estavam envolvidas em outro projeto —

---

\* Graduada em Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: monalizabarboza06@gmail.com

não necessariamente estético — mas principalmente ideológico, visando a emancipação da mulher”. Tal explanação provoca a reflexão acerca das publicações ousadas — mobilizadas pelo desejo de se tornarem cidadãs — na chamada república das letras.

Maria Lourdes acrescenta que a reivindicação das mulheres de viverem seus próprios corpos é uma questão de extrema importância apresentada nos títulos, narrativas e poemas dessas escritoras. Os livros citados estão crivados nos seguintes temas: o poder sobre o corpo, o erotismo, a maternidade, o adultério e a virgindade. Assim, “a compreensão do mundo, o estar nele, passa pelo corpo, percepção fundamental registrada na escrita dessas mulheres” (ELEUTÉRIO, 2022, p. 245). Desse modo, a autora divide a escrita de autoria feminina em três momentos considerando os anos heroicos do modernismo.

Em um primeiro momento, a pesquisadora aborda publicações de Madame Chrysanthème, pseudônimo de Cecília Vasconcelos (1870-1948), que têm como cerne da trama a perspectiva do trabalho e os conflitos amorosos que denunciam a insatisfação das mulheres, sejam elas casadas, solteiras ou viúvas. Em *Flores modernas* (1921), nos é apresentada uma crítica voraz ao casamento apenas como um contrato social. Em *Enervadas* (1922), o tema central da discussão é o estereótipo médico e misógino de mulher histérica. O título irônico no plural comporta também uma diversidade de mulheres que, assim como a protagonista Lúcia, são igualmente vistas como descontroladas.

Em *Gritos femininos* (1922), Eleutério aponta para a alusão do título ao estado de grande nervosismo que é apresentado nos contos, peças teatrais e cartas que compõem o livro. Essas narrativas apresentam a realidade de mulheres que fazem do corpo um instrumento de proteção financeira, já que não veem na cidade do Rio de Janeiro oportunidades de trabalho. Já em *Almas em desordem* (1924), de maneira ousada, Cecília Vasconcelos escreve tramas envolvendo alguns tabus para figura feminina, como, por exemplo, o adultério.

Em um segundo momento, a pesquisadora apresenta a poeta Gilka Machado (1893-1980), que se utiliza do erotismo latente no seu fazer poético. Apesar de sua obra abordar uma estética próxima do simbolismo e do parnasianismo, o que a torna moderna é a temática do erotismo e do corpo. Para Dal Farra (2017, p. 23) “Gilka Machado inaugura, na literatura brasileira, uma tradição que converte a mulher, de musa, a sujeito do discurso”. Dessa maneira, o eu-lírico de Machado subverte os estereótipos da mulher submissa através das sensações eróticas construídas no corpo do poema.

Em *Mulher Nua* (1922), o título metafórico caracteriza tanto o desnudamento corporal como psicológico, em que a mulher se encontra como sujeito desejante. Há, assim, um eu poético que não precisa necessariamente de um encontro físico com o interlocutor, pois trata-se de uma produção autoerótica, como aponta a pesquisadora. Já em *Meu glorioso pecado* (1928), Maria Lourdes introduz um olhar transgressor para a obra giliana, posto que, além de trazer um título ousado que engrandece, com orgulho, a culpa atribuída

à figura feminina de ser detentora do pecado original, também investe em uma linguagem própria e libertária.

A crítica literária da época sempre esteve muito preocupada em difamar Gilka Machado, o que contribui para seu apagamento na história literária. A poeta enfrentou diversos impasses no que diz respeito às questões de gênero, raça e classe (DAL FARRA, 2017). Em contraponto a esse contexto hostil, Maria Lourdes tece um olhar moderno à poética de Gilka Machado, ao romper com o estereótipo misógino de mulher submissa e caminhar para uma poesia que, sobretudo, tem a figura feminina como sujeito da cena erótica.

Em um terceiro momento, a pesquisadora conduz um diálogo sobre a literatura médica e sua tese higienista formulada pelo projeto civilizador republicano. As obras *Virgindade anti-higiênica* (1924) e *Virgindade inútil: Novela de uma revoltada* (1927), escritas por Ercília Nogueira Cobra (1891-?), confrontam tais ideias eugenistas a partir de uma narrativa sobre a condição da mulher. Maria Eleutério aponta para a observação do uso da expressão “higiênica”, palavra que contempla o projeto positivista de embranquecimento e limitação do espaço das mulheres no Brasil. Essas obras rebatem a conduta “histórica” das mulheres, assim como as “enervadas” — no romance de Chrysanthème.

A contundência desses livros estaria estreitamente ligada aos ideais em voga sobre a eugenia, criados pelo Movimento Eugênico Brasileiro que, entre 1910-1930, analisou teorias racistas e racialistas com o intuito de engendrar a construção de uma possível nação. Dessa forma, Ercília fundamenta esses dois livros na denúncia dos ideais sexistas de uma higiene mental. Em *Virgindade inútil: Novela de uma revoltada* (1927) a escritora desenvolve uma argumentação político-sociocultural, evidenciando que a sociedade naturaliza a mulher com um intelecto inferior e um corpo destinado à procriação. O livro *Virgindade anti-higiênica* (1924), bem como no anterior, desenvolve um caráter altamente político no que compete à condição da figura feminina de sua época.

Ao tratar sobre o silenciamento das mulheres no projeto modernista, Maria Lourdes Eleutério nos conduz não só à reflexão sobre as lacunas deixadas pelo movimento modernista como também demonstra a luta que a crítica literária feminista desempenhou no regaste dessas escritoras. As marcas deixadas por essa tradição podem ser comprovadas na ausência de mulheres nos manuais didáticos e nos currículos dos cursos de Letras. É importante ressaltar que, apesar de essas autoras não entrarem para o cânone da época, notamos que elas escreviam assiduamente.

Durante a leitura, percebemos, por meio dos títulos expostos no ensaio, vozes dissonantes e potentes na luta contra os ideais conservadores da época, engajadas, portanto, na luta feminista. Nesse período, ser escritora e galgar espaços dentro do campo literário era um ato de subversão. Sendo assim, encontramos autoras que trabalham a potência erótica e rompem com os interditos da enunciação da sexualidade feminina, bem como escritoras que se manifestavam contra estereótipos misóginos e sexistas,

empreendendo denúncias sobre as condições das mulheres para conseguirem emancipação.

O texto “Elas eram muito modernas” traz uma discussão importante sobre a participação das mulheres no período heroico do modernismo brasileiro. Nesse contexto, Maria Eleutério traz elucubrações sobre as ausências e os silêncios que permeiam esse período e repercutem no século XXI. À vista disso, o ensaio é recomendado a todas as pessoas interessadas em literatura, principalmente no que diz respeito a esse período marcante da nossa história literária. Além disso, também é endereçado para estudantes e docentes do curso de Letras, com o intuito de provocar novas reflexões acerca das lacunas da produção de autoria feminina do período, como já foi apontado.

## Referências

ANDRADE, Gênese (Org.). *Modernismo 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Gilka Machado: a mulher proibida. *In*: MACHADO, Gilka. *Poesia completa*. São Paulo: V. de Moura Mendonça Livros, 2017. p. 18-49.

DUARTE, Constância Lima. A literatura de autoria feminina no modernismo dos anos 30. *In*: ZOLIN, Lúcia; GOMES, Carlos (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: EduEM, 2011. p. 45-61.

ELEUTÉRIO, Maria Lourdes. Elas eram muito modernas. *In*: ANDRADE, Gênese (Org.). *Modernismo 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 244-269.

Recebido em 12 de dezembro de 2022  
Aceito em 16 de fevereiro de 2023